

Eficiência e competitividade do café brasileiro no comércio internacional, entre 1960 e 2019

Amarildo Costa Lima¹

¹Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Citação deste Artigo (ABNT)

LIMA, Amarildo Costa. Eficiência e competitividade do café brasileiro no comércio internacional, entre 1960 e 2019. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 22, n. 3, [s.d.]. DOI: 10.22481/ccsa.v22i3.18337.

Recebido em: 10/03/2025.

Aprovado em: 18/09/2025.

Autor para Correspondência

Amarildo Costa Lima

amarildolimapro@gmail.com.



Copyright: © 2025 Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas.

This article is an open access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license.

Resumo O presente artigo analisa a competitividade do café brasileiro no comércio internacional entre 1960 e 2019, considerando sua inserção relativa e o posicionamento diante dos principais países exportadores. A relevância do estudo decorre do papel estratégico do café na pauta exportadora brasileira e das transformações estruturais ocorridas no mercado global da *commodity* ao longo das últimas décadas. Para alcançar o objetivo proposto, utiliza-se o modelo de competitividade internacional desenvolvido por Fajnzylber (1991) e complementado por Mandeng (1991). Esse método permite mensurar eficiência, posicionamento e grau de inserção do produto no mercado mundial por meio de indicadores derivados de participação nas importações e exportações globais. Os resultados revelam que o Brasil apresentou situações de retrocesso e vulnerabilidade entre as décadas de 1970 e 2009, alcançando desempenho ótimo apenas nos períodos de 1960 e 2010. Padrão semelhante foi observado na Colômbia, Índia e no Vietnã, indicativo de que os principais concorrentes também enfrentaram oscilações estruturais na competitividade ao longo do período analisado.

Palavras-chave: Café brasileiro. Comércio internacional. Competitividade. Posicionamento.

Brazilian coffee competitiveness in international trade, between 1960 and 2019

Abstract: The present article analyzes the competitiveness of Brazilian coffee in international trade between 1960 and 2019, considering its relative insertion and positioning in comparison with the main exporting countries. The relevance of the study lies in the strategic role of coffee in Brazil's export portfolio and in the structural transformations that have occurred in the global coffee market over recent decades. To achieve the proposed objective, the study employs the international competitiveness model developed by Fajnzylber (1991) and complemented by Mandeng (1991), which makes it possible to measure efficiency, positioning, and the degree of insertion of the product in the world market through indicators derived from participation in global imports and exports. The results reveal that Brazil experienced periods of retrocession and vulnerability between the 1970s and 2009, achieving an optimal performance only in the 1960s and 2010s. A similar pattern was observed for Colombia, India, and Vietnam, indicating that the main competitors also faced structural fluctuations in competitiveness throughout the period analyzed.

Keywords: Brazilian coffee. International trade. Competitiveness. Positioning.

Introdução

Nas últimas décadas, o avanço da internacionalização intensificou o fluxo de bens, serviços e capitais, ampliando a interdependência entre países e a necessidade de avaliação crítica sobre a competitividade das principais *commodities* globais. Nessa movimentação, o café destaca-se como um dos produtos mais relevantes no comércio internacional, tanto pelo volume transacionado quanto por sua importância econômica e social entre os países produtores. No Brasil, o café ocupa posição estratégica na pauta exportadora, sendo responsável historicamente por parte significativa da geração de divisas e pela estruturação de cadeias produtivas robustas.

Embora exista ampla literatura que discute aspectos históricos, logísticos e conjunturais da cafeicultura brasileira, ainda são limitadas as análises que avaliam, em séries de longa duração, o desempenho do Brasil no comércio internacional em comparação aos principais concorrentes diretos. Ademais, abordagens que utilizam modelos estruturados de competitividade, como o de Fajnzylber (1991), permanecem relativamente pouco exploradas nas análises do setor cafeeiro, sobretudo quando se consideram períodos extensos de variações no posicionamento do mercado e na eficiência exportadora.

Diante disso, emerge o problema de pesquisa: como se comportou a competitividade do café brasileiro no comércio internacional, em comparação a outros países exportadores, ao longo do período de 1960 a 2019? Além disso, é necessário compreender em que medida o posicionamento e a eficiência do Brasil variaram ao longo das décadas e quais as implicações dessas mudanças na inserção do produto no mercado global.

O objetivo deste artigo, portanto, é analisar a competitividade do café brasileiro no comércio internacional entre 1960 e 2019, comparando o desempenho do Brasil com os principais países exportadores — Colômbia, Índia e Vietnã — por meio do modelo de Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991), que permite avaliar posição, eficiência e inserção do produto nas operações comerciais internacionais.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresenta-se o referencial teórico sobre competitividade no comércio

internacional e características do mercado global de café; em seguida, detalha-se o método utilizado no estudo; posteriormente são expostos os resultados e discussões; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

Referencial teórico

Aspectos sobre comércio internacional e contexto histórico

A internacionalização dos países nas últimas décadas fomenta um intenso fluxo do comércio internacional de bens e serviços. Nesse processo, as transações culturais, comerciais, tecnológicas e de capital ocorrem de maneira mais eficiente, no que diz respeito principalmente aos investimentos e à comercialização de bens e serviços.

Ao entrarem no comércio internacional, os países integram-se e procuram a melhor maneira de apresentar competitividade dos seus bens, além de firmar acordos comerciais para obter destaque e aumentar o fluxo comercial. O Brasil insere-se nesse contexto enquanto exportador de uma cartela diversa de produtos, em especial, os agropecuários, segundo dados do Ministério da Economia (Brasil, 2020).

As exportações agropecuárias brasileiras são compostas, em maior parcela por valor, de carne (gado, frango e porco), suco de laranja, soja, açúcar e café. No ano de 2019, as exportações agropecuárias atingiram um valor de US\$ 96,79 bilhões, conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente (Brasil, 2020a).

O contexto histórico mostra que, no Brasil, a produção cafeeira iniciou-se no século XVIII, no ano de 1727, em Belém do Pará. No fim do século XVIII, o café já estava presente no Vale do Paraíba, no estado do Rio de Janeiro. As estradas, abertas durante o século XVIII, ligavam Minas Gerais (Via Serra da Mantiqueira e Serra dos Órgãos) aos portos do Rio de Janeiro, Parati e Angra dos Reis. Esse caminho se estendeu pela região do sul de Minas Gerais, onde se desenvolvia a cafeicultura (Fernandes, 2004 *apud* Ribeiro *et al.*, 2019).

A atividade cafeeira foi responsável pelo desenvolvimento econômico do Brasil, em especial de São Paulo, com a construção de ferrovias que serviam para o escoamento da

produção cultivada em suas margens (CECAFEB, 2019).

O mercado internacional de café e a estrutura produtiva do Brasil

O Brasil é o maior produtor e exportador de café, sendo responsável por cerca de 30% da produção mundial. Como consumidor, ocupa a segunda posição, logo atrás dos Estados Unidos. Apesar da grande produção, o interesse por café de alta qualidade no país é recente, se comparado com o segundo maior produtor mundial, a Colômbia, que possui um histórico de padrão de qualidade de café e marketing consolidado (Batista, 2019).

No que diz respeito à liderança global, o Brasil é o maior produtor de café arábica do mundo e o segundo maior de conilon. O país é também o segundo maior consumidor da bebida. Assim, o café ocupa vários estados brasileiros, entre eles Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, Amazonas e Pará. A variedade de grãos produzida no território brasileiro possibilita destaque nos mercados interno e externo (Ribeiro, 2019).

No mercado externo, destacam-se Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Paraná. Em 2019, esses estados, juntos, mandaram para fora do país 97,72% de toda a produção cafeeira brasileira, sendo Minas Gerais o maior exportador do produto no Brasil, o que representa US\$ 3.529.048.610 (X1000), conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Exportação de café por unidade federativa em 2019 e 2020

UF	2019		2020	
	Valor (US\$)	Participação%	Valor (US\$)	Participação%
Total	5.167.387.738	100,00%	4.940.620.999	100,00%
MINAS GERAIS	3.529.048.610	68,29%	3.390.969.588	68,63%
ESPIRITO SANTO	586.531.801	11,35%	569.297.904	11,52%
SÃO PAULO	601.262.474	11,64%	547.327.150	11,08%
PARANÁ	338.007.569	6,54%	311.569.886	6,31%
BAHIA	87.606.499	1,70%	78.463.440	1,59%
GOIÁS	5.869.240	0,11%	23.830.733	0,48%
RORAIMA	150.893	0,00%	6.190.843	0,13%
RIO GRANDE DO SUL	7.576.769	0,15%	5.457.935	0,11%
AMAZONAS	453.356	0,01%	3.513.156	0,07%
SANTA CATARINA	10.306.333	0,20%	2.536.464	0,05%
RONDÔNIA	66.877	0,00%	643.076	0,01%
RIO DE JANEIRO	417.810	0,01%	598.794	0,01%
MATO GROSSO	0	0,00%	64.570	0,00%
AMAPÁ	8.496	0,00%	62.574	0,00%
MARANHÃO	36.424	0,00%	32.871	0,00%
PARÁ	4.820	0,00%	21.934	0,00%
PERNAMBUCO	14.111	0,00%	21.680	0,00%
ALAGOAS	12.276	0,00%	11.032	0,00%
CEARÁ	3.729	0,00%	4.138	0,00%
MATO GROSSO DO SUL	1.001	0,00%	2.230	0,00%
RIO GRANDE DO NORTE	0	0,00%	804	0,00%
DISTRITO FEDERAL	8.650	0,00%	197	0,00%
PIAUÍ	0	0,00%	0	0,00%

Fonte: Elaborado com base em dados do Agrostat – Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, MAPA (2020b).

Nota: Os dados de 2020 são até o mês de novembro.

Sobre a relevância do café no comércio internacional, Cunha *et al.* (2010, p. 516) asseveram:

O café é um dos produtos agrícolas de maior valor e dinamismo comercial. Seu mercado foi caracterizado, ao longo do século XX, por uma série de intervenções. Inicialmente, as ações eram conduzidas pelos países produtores, já que obtinham grande parte de sua renda da economia cafeeira. O Brasil tinha papel de destaque nesse processo e, até meados do século, atuou diretamente no processo de formação dos preços externos (em razão de sua elevada parcela de mercado, que, nas primeiras décadas de 1900, chegou a 75% da produção mundial).

Medeiros e Rodrigues (2017) afirmam que, do ponto de vista mercadológico, esse produto tem sido comercializado em diversos formatos nas últimas décadas, desde a forma bruta, em grãos, até às formas derivadas atuais, com maior emprego tecnológico e valor agregado como, por exemplo, as versões em monodoses.

É sabido que a cafeicultura brasileira enfrentou graves prejuízos em determinados momentos. Em 1870, devido a uma forte geada, e em 1929, em razão da quebra da bolsa de Nova

York, quando o governo federal foi responsável pela queima de milhões de sacas para evitar prejuízos maiores. Por conseguinte, desde o começo do século XX, o mercado cafeeiro do país tem sido objeto de políticas de intervenção.

Em 1906, o Brasil, então responsável por cerca de três quartos da produção mundial de café, instituiu uma política unilateral de sustentação de preços com o objetivo de estabilizar o mercado diante das constantes oscilações internacionais. Esse mecanismo predominou até o início da década de 1960, quando as sucessivas tentativas de firmar acordos multilaterais para a valorização do produto fracassaram. A situação mudou em 1962, com a criação do primeiro Acordo Internacional do Café (AIC), que estabeleceu instrumentos formais de regulação — incluindo definição de preços, cotas de exportação, padrões de qualidade e condições de entrega — articulados entre 42 países exportadores e 25 países consumidores. A partir desse marco, o mercado mundial de café passou a ser sistematicamente regulado por políticas de sustentação, ainda que com interrupções pontuais, até sua descontinuação definitiva em julho de 1989 (SAES, 1995).

Com o fim dos AICs, as receitas anuais de exportação de café dos países produtores caíram pela metade em dez anos, enquanto a indústria torrefadora de países importadores passou a ter lucros maiores.

Como os preços do café apresentam muita volatilidade, o produtor passou a usar o *hedge*¹ na prática de comercialização para minimizar o risco de queda de preço no mercado futuro, com o propósito de prefixar o valor de venda para uma *commodity* e evitar oscilações do mercado (Schouchana, 2000 *apud* Batista, 2019).

No que diz respeito ao mercado internacional, Batista (2019) demonstra que a produção mundial de café referente à safra 2018/2019 foi de 174,5 milhões de sacas, um aumento de 15,6 milhões em relação ao biênio anterior. Ainda segundo Batista (2019), o volume produzido corresponde a uma safra recorde, no intervalo de 12 meses, entre junho de 2018 a maio

de 2019, o Brasil embarcou 40,5 milhões de sacas, ou seja, o maior volume dos últimos 5 anos.

As vicissitudes e a evolução pelas quais passaram a *commodity* café no Brasil, mesmo com algumas políticas erráticas, têm proporcionado uma destacada desenvoltura econômica e produtiva. Assim, sobre as perspectivas para o mercado, USDA (2019 *apud* Batista 2019, p.19) apresenta os seguintes dados:

As estimativas para a produção mundial de café na safra de 2019/2020 deve somar 169,1 milhões de sacas. O que representa uma queda de 3,1% em relação ao ciclo anterior. Tal redução se deve principalmente à queda de 15% na produção brasileira do café arábica, que passa por uma safra de bialidade negativa. A produção brasileira deve ter uma redução total de 8,5% pois a safra do conilon deve aumentar em 10%. O consumo mundial deve atingir um novo recorde, com previsão de aumento de 2,5% em relação ao período de 2018/2019, chegando a 167,9 milhões de sacas. Com isso os estoques globais diminuirão 7,7%, para 33,5 milhões de sacas (USDA, 2019).

Nesse campo, as pesquisas sobre o café estão longe de serem esgotadas e, tendo em vista as crises recorrentes do produto no mercado mundial, investigações sobre preço e quantidade consumida podem impactar o nível de oferta do grão. Diante disso, a comercialização do café no mercado brasileiro acompanha os preços internacionais e a sua queda só tem sido compensada, mesmo que parcialmente, pela desvalorização do real em face do dólar, que apresentou expressiva valorização no mesmo período de queda dos preços do café na safra 2019/2020 (Ribeira, 2019).

Paralelamente, a comercialização do café brasileiro acompanha os preços internacionais. A bebida é uma das mais importantes *commodities*. Consequentemente, seus preços apresentam muita volatilidade, influenciada por fatores inerentes ao próprio mercado, por elementos não sistêmicos, como condições ambientais e climáticas, e por alteração no cenário econômico mundial (o momento econômico e as taxas de juros). Desse modo, muitos são os desafios a serem superados para reduzir os custos dos produtos brasileiros

¹ *Hedge* consiste em “posições tomadas nos mercados futuros ou de opções com o propósito de reduzir a exposição a riscos de variação de preços no mercado à vista”, desempenhando papel central na estabilidade das transações internacionais (Hull, 2017).

exportados, de forma a torná-los economicamente competitivos no mercado externo.

Estudos empíricos sobre competitividade do café

As pesquisas recentes relacionadas ao comércio internacional do café são direcionadas por outros métodos de análise. Almeida (2011) embasa seu estudo na avaliação dos custos de transporte das exportações do café verde. Sereia (2012) concentra-se nas teorias do comércio internacional de Adam Smith (1776), nas contribuições de Krugman (1996), e evidencia a análise de dados na Vantagem Comparativa Revelada das Exportações (VCE) e na Vantagem Comparativa Revelada das Importações (VCI). Sanches (2016) embasa sua investigação no método *Constant Market Share* e nas Vantagens Competitivas Reveladas Simétricas (CRVS). A contribuição proposta é analisar o desempenho do café brasileiro no mercado externo, aplicando o método Fajnzylber (1991), e ampliar o estudo para abranger um período maior.

O objetivo do presente artigo é analisar a competitividade do café brasileiro em relação aos principais países exportadores – Colômbia, Índia e Vietnã – no comércio internacional, no período de 1960 a 2019.

Metodologia

No presente trabalho, utilizam-se o método apresentado por Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991) e trabalhos mais recentes de Carvalho (2002, 2005) e Santos (2016). Os autores que se utilizaram desse modelo tinham o objetivo de compreender o comportamento de determinado item ou setor, como agricultura, por exemplo. A metodologia de Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991) adéqua-se ao objetivo central desta pesquisa, que consiste em analisar simultaneamente o posicionamento e a eficiência do café brasileiro no comércio internacional.

O modelo adotado permite reunir, em um único arcabouço, a participação do produto nas importações mundiais e a capacidade relativa do país em transformar essa integração em ganhos competitivos. Além de dialogar com estudos consolidados sobre o agronegócio (Carvalho, 2002; 2005; Santos, 2016), o referencial de Fajnzylber(1991) e Mandeng(1991) possibilita

classificar estruturalmente a competitividade – retrocesso, vulnerabilidade, oportunidades perdidas ou situação ótima – e responder de forma mais direta ao problema de pesquisa.

Quadro 1 – Inserção de um país no comércio internacional

		Posicionamento relativo do produto	
		Desfavorável	Favorável
Eficiência relativa do país	Baixa	Situação de retrocesso	Situação de oportunidades perdidas
	Alta	Situação de vulnerabilidade	Situação ótima

Fonte: Elaborado pelo autor com base no modelo de Fajnzylber (1991).

Conforme o quadro 1, o modelo de Fajnzylber (1991) apresenta a eficiência e a colocação do produto no comércio mundial. No quesito posicionamento, caso a variação de ΔSi for maior ou igual a 0 entre dois períodos, significa que o país manteve ou aumentou a participação nas importações mundiais, ou seja, apresentou situação favorável. Se a variação for menor do que 0, o resultado é desfavorável e quer dizer participação reduzida nas importações totais.

A equação 1 exemplifica Si , a razão entre importação do produto e importação mundial total. A variável – Si – verifica a participação do produto na importação mundial.

Equação 1 – Si

$$Si: \frac{M_{\text{produto}}}{M_{\text{mundial}}}$$

Si : Proporção de participação do produto na totalidade da importação mundial.

M_{produto} : importação mundial do produto.

M_{mundial} : importação mundial total.

Equação 2 – Si médio

$$Si \text{ médio: } \frac{\sum Si(\text{ano})}{Q(\text{ano})}$$

Si médio: Média dos Si .

$\sum Si(\text{ano})$: Soma dos Si .

$Q(\text{ano})$: Quantidade da soma dos anos (por ano).

A eficiência relativa do país efetiva a participação do produto no comércio internacional total. Dessa forma, a variação de ΔSi_j determina se o país apresenta alta ou baixa eficiência na participação de exportação do produto em relação à importação mundial total. Se a variação de ΔSi_j

for maior ou igual a 0, significa que o país apresentou alta eficiência e competitividade no mercado internacional, ou seja, apresenta um bom desempenho na participação mundial do produto. Se a variação de ΔS_{ij} for menor que 0, o país apresenta participação reduzida, baixa eficiência e perda de competitividade.

$$\text{Equação 3 - } S_{ij} \\ S_{ij} = \frac{X_{\text{produto (país)}}}{M_{\text{mundial}}}$$

S_{ij}: Razão da exportação do produto em relação a importação mundial.

X produto (país): exportação do produto por país.

M mundial: Importação mundial total.

$$\text{Equação 4 - } S_{ij} \text{ médio} \\ S_{ij} \text{ médio} = \frac{\sum S_{ij} (\text{ano})}{Q(\text{ano})}$$

S_{ij} médio: Média dos *S_{ij}*.

$\sum S_{ij} (\text{ano})$: Soma dos *S_{ij}*.

Q (ano): Quantidade da soma dos anos (por ano).

O quadro 1 demonstra possibilidades de desempenho do país, enquanto exportador, no comércio internacional. O produto exportado é incluído proporcionalmente no contexto internacional, caso apresente variações nulas ou positivas nos quesitos posicionamento e eficiência, e dessa forma, o país beneficia-se, *ceteris paribus*.

Conforme o quadro 2, ocorrem situação de acordo com o cruzamento do posicionamento relativo do produto e situação relativa do produto. O quadro 2 exemplifica a situação do país, a variação e o significado do resultado encontrado.

Quadro 2 – Situação, variação e resultado da aplicação do (posicionamento x eficiência), do Modelo Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991)

SITUAÇÃO	VARIAÇÃO	SIGNIFICADO
Retrocesso	$S_i < 0$ (desfavorável)	Diminui a participação do produto nas importações mundiais e a participação do país.
	$S_{ij} < 0$ (baixa)	
Oportunidades perdidas	$S_i > 0$ (favorável)	Aumenta a participação do produto nas importações mundiais e reduz a participação do país no comércio.
	$S_{ij} < 0$ (baixa)	
Vulnerabilidade	$S_i < 0$ (desfavorável)	Diminui a participação do produto nas importações mundiais e aumento na participação do país no comércio.
	$S_{ij} > 0$ (alta)	
Ótima	$S_i > 0$ (favorável)	Aumenta a participação do produto nas importações mundiais e também a participação do país.
	$S_{ij} > 0$ (alta)	

Fonte: Elaborado pelos autores conforme Santos (2016).

No contexto em questão, as extremidades conduzem às devidas situações do país: efetiva participação (ótima) ou redução significativa (retrocesso), bem como apresentam o meio-termo (vulnerabilidade e oportunidades perdidas). Caso apresente retrocesso, o país está em situação complicada; se o resultado for situação ótima, o momento é proveitoso no comércio internacional. O meio-termo das situações é a alternância entre a redução e o aumento da participação do produto no mercado e do país na economia global.

A pesquisa utilizou como parâmetro o agrupamento em décadas para aplicação do modelo. Foram consideradas as décadas 1960 (1960-1969), 1970 (1970-1979), 1980 (1980-1989), 1990 (1990-1999), 2000 (2000-2009), 2010 (2010-2019) e, por variação do ΔSi e ΔSij , compreende o Si médio (ver equação 2) e Sij médio (ver equação 4) das décadas.

O recorte temporal de 1960 a 2019 justifica-se em razão da consistência das séries estatísticas disponíveis (FAOSTAT, USDA e Agrostat/MAPA) e da relevância histórica do período para o mercado internacional de café. Abrange a vigência dos Acordos Internacionais do Café (1962–1989), a fase de desregulamentação a partir dos anos 1990 e a consolidação de novos competidores, como Vietnã e Índia. A opção pelo agrupamento dos dados em décadas permite suavizar oscilações anuais decorrentes de fatores climáticos e conjunturais (características marcantes do setor) e captar tendências estruturais coerentes com as mudanças institucionais e produtivas que marcaram cada período. O período final de referência (2019) evita a distorção estatística provocada por choques externos excepcionais – como a pandemia em 2020 – e assegura maior robustez interpretativa aos resultados.

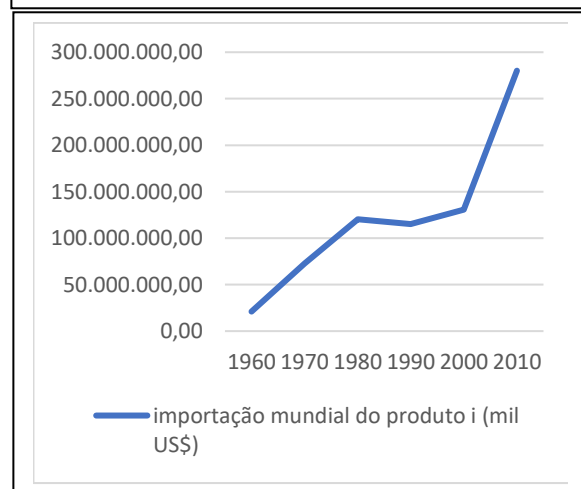
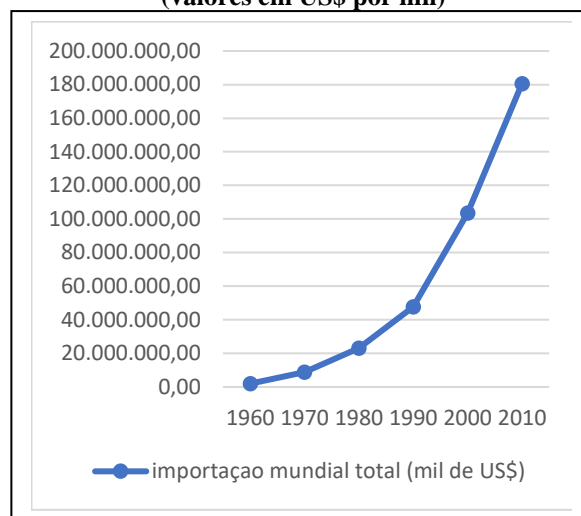
Resultados e discussão

Os resultados referentes ao comércio internacional do café mostram, em primeira análise, a importação mundial total e do café entre 1960 e 2019. Conforme a Figura 1, a importação mundial total aponta uma trajetória de crescimento em todas as décadas. O aumento mais expressivo ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970, um percentual de 77,56%. Nas décadas de 1980, 1990 e 2000, as taxas foram de 61,54%, 51,76% e 54,02%, respectivamente. O menor crescimento, 42,61%, sucedeu na década de 2010. O crescimento em importação cresceu 92 vezes, se comparamos o valor total de 1960 com a década de 2010. Esses dados indicam um amplo desenvolvimento e maior fluxo do comércio internacional entre os países.

A Figura 1 apresenta, ainda, a importação total do café no mundo. Observa-se um comportamento diferente do gráfico 1, pois o

gráfico 2 apresenta estagnação entre as décadas de 1980 e 2000. No comparativo com os períodos anteriores, entre os anos 1970 e 1980, houve um crescimento de 71,06% e 39,56%, respectivamente. Em valores, o maior crescimento ocorreu na década de 2010, um aumento de US\$ 149.556.196,00 (X1000). A década de 1990 apresentou o pior resultado em comparação às demais, o percentual representa uma queda de -4,5% em comparação à anterior. Em valores, a importação caiu US\$ -5.191.090,00 (X1000).

Gráfico 1 – Importação mundial total por década (valores em US\$ por mil)

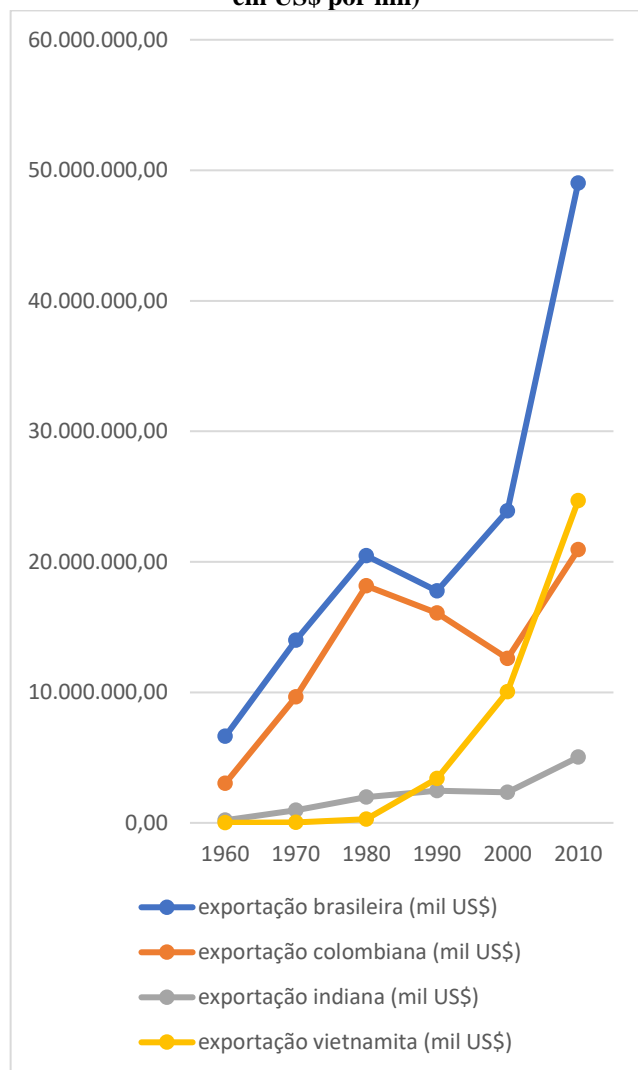


Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da FAOSTAT (2020).

A exportação do café apresentou comportamentos distintos no comparativo entre os países. Em linhas gerais, o Brasil e a Colômbia demonstraram taxas negativas de crescimento na década de 1990, -15,28%, -13,08%, respectivamente. O cenário adverso se acentua na Colômbia na década de 2000, com uma taxa de -

27,44%. O Brasil conseguiu recuperar-se e apresentou um crescimento positivo de 25,69%. Apenas o Vietnã manteve um crescimento contínuo no período; a Índia, uma variação de -5,63% na década de 2000 (Figura 2).

Figura 2 – Exportação total do café por década (valores em US\$ por mil)



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da FAOSTAT (2020).

Quanto aos valores, a tabela 2 explicita um crescimento considerável em todos países, por década. O Brasil foi o país com maior valor em exportação em quase todos os períodos. Esse resultado determina a liderança brasileira no comércio internacional de café, além disso, demonstra a recuperação do mercado. O Brasil é um grande produtor mundial de café e, durante os anos em pauta, manteve o produto como uma das principais *commodities* na sua base exportadora.

Outra informação relevante, a produção brasileira caracteriza-se pela qualidade do grão, sobretudo o do tipo arábica.

Tabela 2 – Exportação total do café por década (valores em US\$ por mil)

	Exportação brasileira (mil US\$)	Exportação colombiana (mil US\$)	Exportação indiana (mil US\$)	Exportação vietnamita (mil US\$)
1960	6.622.868,00	3.027.021,00	202.169,00	8.028,00
1970	13.999.818,00	9.639.578,00	959.772,00	38.177,00
1980	20.473.984,00	18.165.738,00	1.966.032,00	287.770,00
1990	17.760.850,00	16.064.575,00	2.470.044,00	3.391.468,00
2000	23.901.840,00	12.605.155,00	2.338.408,00	10.048.032,00
2010	49.027.095,00	20.923.556,00	5.031.053,00	24.681.531,00

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da FAOSTAT (2020).

Evidencia-se na tabela 3 o resultado encontrado da situação, eficiência e posicionamento do Brasil, Colômbia, Índia e Vietnã no comércio internacional entre 1960 e 2019.

Tabela 3 – Situação, eficiência e posicionamento do Brasil e seus concorrentes principais no comércio internacional de café de 1960 a 2019, por década

DÉCADA	ITENS	PAÍSES			
		Brasil	Colômbia	Índia	Vietnã
1960	Si Médio	0,00	0,00	0,00	0,00
	Posicionamento	favorável	favorável	favorável	favorável
	Sij Médio	0,00	0,00	0,00	0,00
	Eficiência	alta	alta	alta	alta
	Situação	ótima	ótima	ótima	ótima
1970	Si Médio	-373,24	-373,24	-373,24	-373,24
	Posicionamento	desfavorável	desfavorável	desfavorável	desfavorável
	Sij Médio	-0,09	-0,01	0,00	0,00
	Eficiência	baixa	baixa	alta	alta
	Situação	retrocesso	retrocesso	vulnerabilidade	vulnerabilidade
1980	Si Médio	-296,85	-296,85	-296,85	-296,85
	Posicionamento	desfavorável	desfavorável	desfavorável	desfavorável
	Sij Médio	-0,04	0,01	0,00	0,00
	Eficiência	baixa	alta	alta	alta
	Situação	retrocesso	vulnerabilidade	vulnerabilidade	vulnerabilidade
1990	Si Médio	-264,78	-264,78	-264,78	-264,78
	Posicionamento	desfavorável	desfavorável	desfavorável	desfavorável
	Sij Médio	-0,01	-0,01	0,00	0,03
	Eficiência	baixa	baixa	alta	alta
	Situação	retrocesso	retrocesso	vulnerabilidade	vulnerabilidade
2000	Si Médio	-107,05	-107,05	-107,05	-107,05
	Posicionamento	desfavorável	desfavorável	desfavorável	desfavorável
	Sij Médio	0,03	-0,04	0,00	0,04
	Eficiência	alta	baixa	alta	alta
	Situação	vulnerabilidade	retrocesso	vulnerabilidade	vulnerabilidade
2010	Si Médio	8,06	8,06	8,06	8,06
	Posicionamento	favorável	favorável	favorável	favorável
	Sij Médio	0,01	0,00	-0,01	0,00
	Eficiência	alta	alta	baixa	alta
	Situação	ótima	ótima	oportunidades perdidas	ótima

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados da FAOSTAT (2020).

A Tabela 3 mostra um comportamento similar – posicionamento favorável e eficiência ótima – entre todos os países na década de 1960. O resultado é uma situação ótima e maior participação do produto e do país no comércio internacional.

No caso do Brasil, o fortalecimento da cadeia produtiva do setor, em que o estado de Minas Gerais lidera a quase totalidade da produção, seguido de São Paulo, Espírito Santo e Paraná, pode explicar a situação ótima nos períodos de 1960 e 2010.

A Índia tradicionalmente produz café nos estados localizados ao sul do país – como *Karnataka, Tamil Nadu e Querala* – e cultiva dois tipos da bebida: o arábica e o robusta. Diferentemente do Brasil, o país apresenta um histórico recente de aumento do consumo, sobretudo do café. A produção cafeeira comercial iniciou-se em 1840. A alta eficiência na década de 1970, por exemplo, demonstra o crescimento da produção e, conseqüentemente, da exportação.

Decerto, a situação ótima do Brasil resulta de um movimento endógeno e exógeno. Endógeno, porque apresenta mecanismos internos e um mercado favorável à exportação do produto; exógeno, porque outros países estão em situação similar. O que difere o café brasileiro é o volume, a qualidade e os altos valores de exportação.

Nesse processo, o Brasil demonstra competitividade devido a dois fatores: o histórico e a capacidade de cultivo de grãos de café para o mercado internacional; a imensa área de produção e a diversidade de oferta.

Na década de 1970 a maioria dos países apresenta posicionamento desfavorável, à exceção do Brasil e da Colômbia, cuja eficiência foi baixa. Evidentemente, o retrocesso é a situação comum aos dois países. Enquanto isso, Índia e Vietnã estão em situação de vulnerabilidade. Trata-se de um período diferente em comparação à década anterior: a maioria apresenta redução na participação do produto no comércio internacional, mas Índia e Vietnã mantêm seus níveis. O fato que explica o desempenho indiano e vietnamita é a expansão da área produtiva. A Índia, por exemplo, consolidava a produção nos estados ao sul e, nos mesmos moldes, avançava a sua atividade nos estados mais ao nordeste. Além disso, os grãos produzidos na Índia e no Vietnã

estavam em mudança, ou seja, o café tipo robusta ganhava espaço no mundo. Essa modificação no tipo de grão era, inclusive, uma característica comum a ambos.

Nas décadas de 1970, 1980 e 2000, o comportamento do Brasil, Colômbia, Índia e Vietnã é desfavorável. Nesse período, o *Si* médio apresentou resultado numericamente alto e, em sua variação, demonstrava resultado negativo. Verifica-se uma relação inversa das duas variáveis (importação mundial total e importação mundial do produto), ou seja, enquanto o valor da importação mundial total aumentava, a participação da importação do café reduzia-se (Tabela 3). Tal resultado se deve à intensificação do fluxo do comércio internacional nas últimas décadas, resultante do processo de internacionalização da economia e da integração dos países.

Ainda nesse período, a eficiência apresenta variação. Na década de 1980, por exemplo, Colômbia, Índia e Vietnã apresentaram situação de vulnerabilidade e o Brasil, de retrocesso. No cenário internacional, o desempenho do café não era favorável para nenhum dos países analisados; contudo, exceto o Brasil, os demais ainda mantinham resultados positivos em sua participação no comércio. Cabe salientar que esse período foi marcado por um pessimismo em relação ao mercado, o que ocasionou a expectativa negativa de preços para o setor e a implantação de cotas de exportação para os países importadores e exportadores.

O Brasil, em comparação aos demais países, estava em situação negativa nas décadas de 1970, 1980, 1990. O cenário apresentou leve melhora nos anos 2000, devido à alteração na eficiência, de baixa para alta. Na década de 1970, o produtor brasileiro enfrentou uma mudança climática conhecida como a grande geada. Esse fenômeno afetou sistematicamente mais de 1,5 bilhões de cafeeiros e prejudicou a produção em mais de 50%, conforme informações da Fundação Getúlio Vargas (2020). Os anos entre 1980 e 1990 foram de recuperação da produção e consolidação dos mecanismos internacionais do preço do café.

Durante todo o período analisado, o Estado Brasileiro promoveu intervenções por meio de políticas públicas, no entanto, entre as décadas de 1960 e 1980 aplicaram-se políticas mais

direcionadas e específicas de controle de preço e volume de produção, sobretudo pela equiparação dos preços aplicados internacionalmente. Conforme a Fundação Getúlio Vargas (2020), o principal objetivo foi:

Uma política de rendas fortemente intervencionista, em que o limite superior da renda setorial era determinado por um elevado nível de taxação federal e estadual, cujo efeito combinado era o de uma absorção de 40 a 60% do preço fob de exportação, e o limite inferior era garantido pela política de preços mínimos – numa média de 65 centavos de dólar/saca.

Ainda nos anos 1990, a liderança brasileira no setor deve-se à ampliação da tecnologia implantada no cultivo e manejo do grão. A década de 2000 modifica o cenário no Brasil, mas, nos demais países, a situação permanece. A Colômbia, por exemplo, manteve o retrocesso em comparação aos anos 1990. Na Índia e no Vietnã a posição de vulnerabilidade não se alterou em relação à década anterior (Tabela 3).

Na consolidação, a década de 2010 estabeleceu um cenário diferente. Brasil, Colômbia e Vietnã apresentaram situação ótima, enquanto a Índia manifestou uma situação de oportunidades perdidas. Em todo o período analisado, essa foi a única situação de resultado desfavorável. Tal circunstância resulta da expansão da produção mundial, que não enfrentou, de forma generalizada, a praga da ferrugem e o aumento do consumo do café no mundo. Segundo a Embrapa (2020), foram consumidos 169,11 milhões de sacas de café no mundo em 2019. Cabe destacar que o Vietnã foi o único país a apresentar eficiência alta em todas as décadas, o que significa naturalmente participação positiva do país no comércio (Tabela 3).

Considerações finais

O presente artigo possibilitou concluir que o café brasileiro é competitivo em relação aos demais países em virtude de três aspectos essenciais: I – preço; II – tecnologia; e III – quantidade. Antes de explicar cada um, é importante destacar as características comparativas dos demais países quanto à produção do grão. O Brasil e a Colômbia

produzem mais o café arábica; a Índia e o Vietnã cultivam em maior quantidade o tipo robusta. A demanda global varia conforme a necessidade e o preço do mercado, mas o grão arábica é o mais consumido mundialmente.

Conforme os dados, o preço foi fator decisivo para a participação do Brasil no mercado internacional entre as décadas de 1960 e 1980. Nos anos 1960, a situação era similar entre os países pesquisados, com o preço sendo favorável para a exportação do grão e a demanda global crescente. As décadas de 1970 e 1980 contribuem/para garantir a equiparação de preços mantendo a saca por uma média de US\$ 150,00, por meio de política pública adotada pelo governo ao absorver o impacto do preço internacional no mesmo ritmo em que tributa o cafeicultor internamente, reduzindo, assim, a transmissão direta das oscilações do preço internacional ao produtor.

A tecnologia foi o segundo fator que contribuiu para a competitividade do Brasil no mercado internacional. Durante a década de 1990, a monocultura cafeeira começou a adotar tecnologias para melhorar a produção dos grãos, com o incremento de maquinários, equipamentos, adubos e fertilizantes. O propósito foi demandar menos recursos humanos e aproveitar mais a área cultivada. Esse fator contribuiu para o aumento da produção nacional, devido ao ciclo produtivo do café. Isso resultou em alta eficiência e maior exportação na década seguinte.

O último fator essencial à competitividade do Brasil é a quantidade. O café brasileiro é conhecido mundialmente porque conta com um número de sacas suficiente para a demanda mundial. Nesse aspecto, o país difere da Colômbia, que preza pela qualidade dos grãos em manejo produtivo. O café colombiano é produzido com maior envolvimento da agricultura familiar e com uma melhor seleção do que é exportado. O dilema brasileiro é justamente ofertar o produto de acordo com a procura internacional, prezando mais pela quantidade a ser produzida do que pelo atendimento da demanda por qualidade. Em escala global, o consumo de grãos finos é relativamente inferior ao de grãos básicos.

Conclui-se que o café brasileiro apresenta competitividade em relação aos demais países. Entre os diferentes fatores que contribuem para essa vantagem estão, principalmente, a capacidade

de atendimento à demanda global e a especificidade da produção da Índia e do Vietnã, que cultivam majoritariamente um tipo de grão diferente e competitivo.

Referências

ALMEIDA, F. M. D; SILVA, O. M. D; BRAGA, Marcelo José. O comércio internacional do café brasileiro:: a influência dos custos de transporte. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 49, n. 2, p. 323-340, jun./2011.

BATISTA, Vinícius Daniel Ferreira. **Produção e comercialização de café brasileiro: crise no setor e mercado futuro**. 2019.

CARVALHO, André Cutrim et al. Panorama e importância econômica do café no mercado internacional de commodities agrícolas: uma análise espectral. **Revista Agroecossistemas**, v. 9, n. 2, p. 223-249, 2018.

CARVALHO, M.A.de (2002) - Comércio agrícola e vulnerabilidade externa brasileira. *Agricultura em São Paulo*, vol. 49, n. 2, p. 55-69.

CARVALHO, M.A. de e Silva, C.R.L. da (2005) - Vulnerabilidade do comércio agrícola brasileiro. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, vol. 43, n. 1, p. 9-28.

CECAFEB. Conselho dos exportadores de café do Brasil. **História do café**. 2019. Disponível em: <<https://www.cecafe.com.br/sobre-o-cafe/historia-do-cafe/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

CUNHA, D. A.; do VALE, S. M. L. R; BRAGA, M. J. B; CAMPOS, A. C. Integração e transmissão de preços no mercado internacional de café arábica. **Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília**, v. 48, n. 4, p. 515-542, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032010000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out 2020.

EMBRAPA. Consumo mundial de café atinge 167,5 milhões de sacas de 60kg no ano-cafeeiro 2019-2020. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/57360815/consumo-mundial-de-cafe-atinge-1675-milhoes-de-sacas-de-60kg-no-ano-cafeeiro-2019-2020>. Acesso em: 23 fev. 2021.

EMBRAPA. Vietnã é o maior produtor de café robusta com 45% da safra mundial. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32630443/vietna-e-o-maior-produtor-de-cafe-robusta-com-45-da-safra-mundial>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FAE. O AGRONEGÓCIO CAFÉ DO BRASIL NO MERCADO INTERNACIONAL. Disponível em:

<https://img.fae.edu/galeria/getImage/1/16570180024210246.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FAOSTAT. Base de Dados. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data>. Acesso em: 17 set. 2020.

FAJNZYLBER, F. (1991) - International insertion and institutional renewal. *CEPAL Review*, vol. 44, p. 137-166.

FAZCOMEX. Exportação de café. Disponível em:

<https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacao-de-cafe-vamos-conhecer-mais/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

FERNANDES, M. Logística do escoamento do café do sul de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós Graduação em Agronegócios. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, fevereiro 2004.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. International Coffee Organization, c2019. Estatísticas do comércio.

http://www.ico.org/pt/trade_statistics.asp. Acesso em: 14 out. 2020.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. CAFÉ. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbet-e-tematico/cafe-1#:~:text=Em%201979%2C%20o%20Brasil%20exportou,milh%C3%B5es%20em%20mar%C3%A7o%20de%201980..> Acesso em: 24 fev. 2021.

HULL, John C. Options, futures, and other derivatives, 2012. 2017.

MANDENG, Ousmène Jacques. Competitividad internacional y espedalización. **Revista de la CEPAL**, v. 1991, n. 45, p. 25-42, 1991.

MEDEIROS, Rodrigo de Vasconcellos Viana; RODRIGUES, Patrícia Mattos Amato. A economia cafeeira no Brasil e a importância das inovações para essa cadeia. *A Economia em Revista-AERE*, v. 25, n. 1, 2017.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. AGROSTAT. Disponível em:

<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Exportações do setor agropecuário registram aumento de 17,5% no primeiro quadrimestre de 2020. Disponível em:

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-setor-agropecuario-registram-aumento-de-17-5-no-primeiro-quadrimestre-de-2020#:~:text=Segundo%20dados%20divulgados%20nesta%20segunda,com%C3%A9rcio%20de%20US%24%2029%2C923%20bilh%C3%B5es..> Acesso em: 16 dez. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Balança Comercial Brasileira. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/component/content/article?id=83>. Acesso em: 15 dez. 2020.

RIBEIRO, Patrícia de Fátima Faleiros et al. LOGÍSTICA DE EXPORTAÇÃO DO CAFÉ: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. **Anais Sintagro**, v. 11, n. 1, 2019.

SAES, MARIA SYLVIA MACCHIONE. A desregulamentação do mercado cafeeiro e as perspectivas para o mercado nacional. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.33, n. 03, p. 7-34, jul./set 1995.

SANCHES AREVALO, Jorge Luiz; de Oliveira Arruda, Dyego; Pires de Carvalho, Josué
COMPETITIVIDADE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO CAFÉ: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BRASIL, COLÔMBIA E PERU Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 18, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 62-78. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil

SANTOS, Leandro Pereira dos et al. Agronegócio brasileiro no comércio internacional. **Rev. de Ciências Agrárias**, Lisboa , v. 39, n.1, p.54-69, mar. 2016 Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-018X2016000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.19084/RC A15065>.

SEREIA, V. J.; CAMARA, M. R. G.; ANHESINI, J. A. R. Competitividade do complexo cafeeiro: uma análise a partir do market share e das vantagens comparativas simétricas *Revista de Economia*, v. 38, n. 1 (ano 36), p. 07-34, jan./abr. 2012. Editora UFPR. Paraná.

SCHOUCHANA, F. **Introdução aos mercados futuros e de opções agropecuários no Brasil**. 2.ed. São Paulo: BM&F, 2000. 81p.

USDA. **Coffee**: world markets and trade. Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data>>. Acesso em 14 out. 2020.

USDA. **Coffee**: World markets and trade. Foreign Agricultural Service June 2019. Disponível em:<<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/coffee.pdf>>. Acesso em 14 out. 2020.

Sobre os Autores

Amarildo Costa Lima

Economista, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).